

JEFFERSON MARCONIS LIMA SILVA

(JEFF MARCONIS)

A RAZÃO DE VIVER

**SEM ERRAR PELOS OUTROS
MAS SIM POR AMOR**

CAPÍTULO I

A DEDICATÓRIA NEURAL

*"A ausência é o primeiro mestre de
quem aprende a ler o próprio nome
no silêncio."*

— Jeff Marconis

Não há distância física ou temporal entre nós agora. Ao ler estas palavras, a sua voz mental assume o som exato dos meus pensamentos. A quarta parede, aquela barreira invisível que separa o autor do leitor, não existe mais. Eu estou ocupando a sua cognição.

Sou Jefferson Marconis Lima Silva. Respirei o ar deste mundo pela primeira vez em **23 de fevereiro de 2003**. Nasci e fui forjado em um século ensurdecido pelo excesso de conexões vazias, um autêntico filho da Geração Z. E é exatamente por conhecer o ruído ensurdecido do nosso tempo que eu precisei escrever isto.

Escrevo este manifesto não apenas como um desabafo para os vivos de hoje, mas dedico esta obra a você, da Geração Alfa, ou de qualquer geração futura que venha a abrir este arquivo. A tecnologia ao seu redor pode ter evoluído, as telas podem ser outras, mas a alma humana continua sendo um labirinto escuro. A dor crônica de tentar agradar o mundo não tem época. O vazio tem a mesma textura em qualquer século.

Prepare-se. O propósito deste livro não é lhe dar respostas prontas, fórmulas de autoajuda ou afagar o seu ego com otimismo tóxico. Estou aqui para invadir a sua inércia, dissecar a nossa covardia e encontrar, sob a carne das nossas ilusões, a verdadeira razão pela qual vale a pena estarmos vivos.

CAPÍTULO II

O CATIVEIRO INVISÍVEL

*"Errar para o mundo é o preço exato
que se paga para acertar a si
mesmo."*

— Jeff Marconis

Desde o momento em que ganhamos consciência e fomos jogados na sociedade, fomos inseridos em um cativeiro sem grades. Nós fomos programados para existir sob a jurisdição do olhar alheio.

A sociedade nos ensinou que o erro é uma mancha irreparável. Fomos treinados para ensaiar cada passo, medir cada palavra e sufocar cada instinto, apenas para não decepcionar uma plateia que nem sequer pagou ingresso para assistir à nossa vida. Quantas vezes você calou a sua própria voz para que o eco da expectativa dos outros pudesse ressoar mais alto?

Viver para não errar aos olhos dos outros é a maior tragédia humana. É esculpir a própria lápide com as próprias mãos, enquanto ainda se respira. É assinar um contrato invisível onde você vende a sua autenticidade e a sua paz em troca de uma aprovação superficial.

Nós passamos décadas usando máscaras de perfeição, aterrorizados com o julgamento alheio. Mas a verdade nua e crua é que os juízes também estão apavorados. O mundo moderno é um teatro de sombras onde fantasmas julgam fantasmas. Ninguém sabe exatamente o que está fazendo, mas todos fingem maestria.

Se você pauta a sua existência em não errar para agradar a quem está de fora, você já fracassou na única missão existencial que

realmente importa: ser o autor absoluto da sua própria história.

CAPÍTULO III

A ARQUITETURA DAS ILUSÕES

*"Nós amamos espelhos até que eles
quebrem e revelem o labirinto que há
por trás."*

— Jeff Marconis

Nas relações humanas, essa doença da perfeição se manifesta de forma ainda mais cruel. Nós fomos treinados para projetar deuses na carne de pessoas perfeitamente comuns.

Havia um homem que acreditava no amor com a mesma seriedade com que alguns acreditam na eternidade. Não porque a compreendessem, mas porque precisavam que ela existisse. Ele não amava simplesmente uma mulher; ele amava a possibilidade de que ela fosse aquilo que sua imaginação havia escrito antes mesmo que ela pudesse dizer quem era. E essa foi a sua primeira grande condenação.

Ele era sincero demais para ser feliz e imaginativo demais para ser indiferente. Jurava amor eterno a coisas que jamais lhe pertenceram. Jurava fidelidade a olhares, a silêncios, a pequenos gestos que sua mente transformava em equações sentimentais. Para ele, um sorriso podia ser uma promessa; uma ausência, um segredo.

Mas nós esquecemos que seres humanos são labirintos com paredes em chamas. A mulher real, o homem real, não nasceram para ser coadjuvantes da sua narrativa idealizada. Eles têm medos insondáveis e contradições que você jamais compreenderá.

Quando você exige que alguém viva sem falhas para não ferir o seu roteiro perfeito, você não ama essa pessoa. Você ama o controle. Você

ama a própria miragem. E cobrar a perfeição de uma miragem é o ofício mais solitário do mundo.

CAPÍTULO IV

A MATEMÁTICA DO AFETO

*"O coração também calcula, mas o
seu saldo é sempre pago em
cicatrizes."*

— Jeff Marconis

Assim, construímos uma matemática estranha do afeto: quanto menos possuímos, mais imaginamos; quanto mais imaginamos, mais amamos; quanto mais amamos, menos distinguimos a pessoa real da divindade que criamos dentro de nós.

E foi então que a fórmula cruel se revelou em toda a sua clareza aritmética:

$$\begin{aligned} &\text{amor imaginado} \\ &+ \text{expectativa} \\ &- \text{realidade} \\ &= \text{ilusão} \end{aligned}$$

Descobrimos, da forma mais dolorosa possível, que o coração também calcula, embora não saiba somar sem se ferir. O resultado dessa operação nunca zera; sempre deixa um resto constante de melancolia pesando sobre o peito.

A pessoa diante de você nunca havia pedido para ser eternizada. Nunca havia prometido permanecer. Talvez sequer soubesse da dimensão do império que você havia construído silenciosamente ao redor da existência dela. Mas você a transformara em símbolo, em destino.

Todo homem que transforma alguém em divindade corre o risco fatal de esquecer que deuses imaginados não podem corresponder aos homens que os adoram. E a ignorância sobre essa

lei é o que nos empurra para a beira do abismo emocional.

CAPÍTULO V

A LÂMINA DA SINCERIDADE

*"Dizer a verdade é decapitar o futuro
que não merecia nascer."*

— Jeff Marconis

Foi quando a sinceridade, antes vista como virtude suprema, se tornou uma lâmina letal. Nós dizíamos, olhando nos olhos do outro: “Eu te amo”. Mas, no fundo do nosso abismo pessoal, aquela frase escondia um veneno muito mais egoísta: “Eu amo aquilo que acredito que você seja”.

Essa diferença, aparentemente inofensiva na linguagem, é infinitamente maior que qualquer distância astronômica entre dois corpos no espaço. Reconhecer essa diferença é o começo do fim da ilusão.

O homem começou então a compreender o verdadeiro e terrível significado de ser um carrasco. Não o carrasco autoritário de uma

mulher, nem o algoz cínico do amor, mas o executor metódico e brutal de suas próprias ilusões.

Cada verdade nua que pronunciava parecia executar uma fantasia infantil na guilhotina. Cada realidade feia e crua que era aceita, funcionava como uma sentença de morte contra aquilo que a imaginação havia erguido.

Ele matava, golpe após golpe, a pessoa impossível. Ele fazia sangrar o mito para que, um dia, pudesse finalmente enxergar a pessoa real. A dor dessa execução é terrível, mas é a única via para a lucidez.

CAPÍTULO VI

A VERDADEIRA RAZÃO

*"A liberdade começa no exato
momento em que a plateia vai
embora."*

— Jeff Marconis

E aqui, o título desta obra abandona o plano da teoria e se torna sangue nas suas veias. A verdadeira razão de viver sem errar, ou sem sequer cogitar errar pelos outros.

Romper esse ciclo maldito não significa buscar a perfeição divina, até porque os deuses estão mortos. Significa buscar a autenticidade bruta. Significa que, a partir deste exato segundo, você está expressamente proibido de moldar a sua vida, encolher os seus ombros ou calar a sua voz para caber na expectativa alheia.

Se você vai errar nesta vida — e acredite, você vai —, que seja pelas suas próprias mãos. Que seja pelas suas próprias escolhas erradas, e

não pelas escolhas que os outros impuseram a você. O erro autêntico, cometido na busca da própria verdade, é um troféu de liberdade inestimável.

Um homem que erra tentando encontrar a sua própria face no espelho é mil vezes mais nobre e honrado do que um homem que acerta a vida inteira sendo um fantoche covarde da sociedade.

Liberte-se da covardia de ser perfeito para quem está de fora. A perfeição é um necrotério asséptico e entediante. A vida real, grandiosa e caótica, acontece onde a pele rala, onde o joelho sangra e onde o pulso bate.

CAPÍTULO VII

MAS SIM POR AMOR

*"Se for para cair, que seja pela
gravidade do afeto, e não pelo
empurrão do medo."*

— Jeff Marconis

Se não viveremos para agradar aos outros, se não viveremos com o pavor de errar perante o tribunal do mundo, pelo que, afinal, viveremos? A resposta é violenta em sua extrema simplicidade: pelo **Amor**.

Não me refiro ao amor inofensivo, pasteurizado e consumível que tentam nos vender. O amor não é um filtro de tela suave. Falo do amor como uma força de colisão. O amor como a única gravidade que nos impede de flutuar sem rumo no vazio absoluto do cosmos.

Ame a sua própria essência a ponto de protegê-la com unhas e dentes do julgamento alheio. Ame a sua trajetória com todas as

cicatrizes feias e decisões tortas que você colecionou.

Ame alguém de verdade, sem filtros e sem contratos ocultos de perfeição. Ame a ponto de aceitar que essa pessoa irá falhar miseravelmente com você, e que você irá falhar miseravelmente com ela, mas que ambos continuarão construindo tijolo por tijolo em meio aos escombros do mundo.

A verdadeira razão de viver é amar a ponto de não ter mais medo do erro. Porque quem ama de verdade não erra para destruir; erra tentando alcançar. Amar uma mulher, ou amar a própria vida, sem transformá-la em uma personagem, é uma das formas mais difíceis e corajosas de sinceridade.

CAPÍTULO VIII

A QUARTA PÁGINA

*"A poesia adormece quando a louça
se acumula na pia. É lá que o amor
verdadeiro acorda."*

— Jeff Marconis

A nossa conexão neural está se desfazendo. O silêncio denso e intransponível está prestes a voltar para a sua mente. Você está sozinho novamente.

A Quarta Página é o que acontece no exato milésimo de segundo após o término desta leitura. A Quarta Página não é literatura, não é poesia e não tem trilha sonora. É a realidade seca, imediata e crua. É a notificação que acaba de vibrar no seu celular, é o trabalho de amanhã cedo, é a rotina esmagadora da sobrevivência humana.

O que você fará com essa lucidez quando fechar este livro? Vai voltar a vestir a máscara

confortável para não desagradar os fantasmas que o rodeiam?

Ou vai ter a coragem visceral de assumir o caos da própria vida, rejeitando em definitivo o julgamento alheio e vivendo a sua verdade sem se curvar para ninguém?

O amor deixou de ser uma promessa de "para sempre" e passou a ser uma escolha consciente diante do instante. Ele já não dizia "amarei você eternamente". Dizia apenas: "Enquanto você for você, e enquanto eu puder ser eu sem precisar transformar você em uma fantasia, eu permanecerei."

A autoria a partir de agora é exclusivamente sua. A vida é sua. Não erre pelos outros. Ame intensamente. Fim da transmissão.

JEFFERSON MARCONIS LIMA SILVA

2026 - Parnamirim, RN